

Política sem rumo firme

Nelson Oliveira

Que a deflação pode levar à recessão, não há como discutir. Mas é importante lembrar que estamos chamando de deflação a queda persistente do nível geral de preços e não uma baixa episódica.

Uma vez que a política econômica não se mantém num rumo firme por muito tempo no Brasil, é bobagem tentar adivinhar se o governo vai continuar segurando o crédito e tirando dinheiro de circulação com o objetivo de domar a inflação. No momento, as autoridades afirmam que, diante de preços mais dóceis, o Banco Central devolverá, aos poucos, o dinheiro que recolheu aos seus cofres.

Se não houver, ao longo do tempo, um afrouxamento da política monetária, com queda nos juros, associado a outras medidas para equilibrar os conflitos de interesses, diversos setores da economia vão partir para o desespero. Terão de cortar cada vez mais os seus preços, a fim de liquidar estoques e fazer algum caixa.

Ao mesmo tempo, ou na sequência, indus-

*É preciso ter
cuidado
para não se
criar modelos
teóricos
rígidos*

triais, comerciantes, fazendeiros e outros “agentes econômicos” vão começar a se desfazer de imóveis, equipamentos, reduzindo suas atividades e seus investimentos diante do quadro de menor procura por produtos e serviços.

As demissões serão, então, inevitáveis.

A isto chamamos recessão. É preciso ter cuidado, no entanto, para não se criar modelos teóricos rígidos. A realidade costuma jogá-los na lata de lixo.

Tanto é assim que em muitos pontos do País já se vive há algum tempo o drama da queda na atividade econômica com demissões. Em outros, isto não ocorreu ou ocorreu de forma mais amena.

Um caso clássico da deflação que levou a queda brutal da atividade, citado pelos manuais de Economia, é o da depressão norte-americana entre 1929 a 1933. Obviamente, não há comparação possível com o momento que vivemos hoje no Brasil.

Na verdade, toda essa discussão sobre

deflação-recessão é prematura e não foca o problema central da administração do País: a dificuldade do governo em ser coerente diante da tarefa complexa de controlar a inflação num país de cultura inflacionária e politicamente mal resolvido.

Até agora, não houve um preparo para que a estrutura produtiva do País possa suportar um período relativamente prolongado de estabilidade da moeda.

Diante da alta do consumo, também estimulada pela facilidade dada às importações, no final do ano passado, o governo passou a controlar duramente o crédito, na expectativa de que os preços se mantivessem estáveis. O curioso é que a abertura aos importados foi adotada como forma de o governo se contrapor à alta de preços internos.

Todo esse vai e vem, que as autoridades chamam de adaptação às circunstâncias, soa como falta de comando num governo que não tem unidade de pensamento e em que ministros criticam seus colegas em entrevista à televisão. Estamos guiados por um conglomerado de opiniões e ambições.

■ Nelson Oliveira é jornalista, repórter de Economia do Correio